



Samuel Morais Silva



Universidade Regional do Cariri (URCA)

samuels1506@hotmail.com

Sandra Haydée Petit



Universidade Federal do Ceará (UFC)

negapetit@gmail.com

MOVIMENTANDO A LEI Nº 10.639/03 NA INTEGRIDADE DA ESCOLA À LUZ DA PRETAGOGIA: UMA EXPERIÊNCIA POTENCIALIZADORA NO CARIRI CEARENSE

RESUMO

O presente artigo propõe-se apresentar uma experiência relativa à educação para as relações étnico-raciais, numa escola da rede municipal de ensino no Cariri Cearense. O objetivo dessa proposta de trabalho, significa um esforço no sentido da efetivação da Lei Nº10.639/03, que institui a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas. Para a realização desse trabalho, buscamos fundamentar as vivências-intervenções na Pretagogia, referencial teórico-metodológico de matriz africana que está sendo construído por pesquisadoras(es)-educadoras(es), na perspectiva de fomentar práticas educativas concretas para uma educação antirracista, valorização da cosmovisão africana e afro-brasileira, contribuindo para a implementação da citada lei na matriz curricular das escolas.

Palavras-chave: Lei nº 10.639/03. Pretagogia. Matriz Curricular. Escola.

MOVING THE LAW Nº 10.639 / 03 ON THE INTEGRITY OF SCHOOL IN THE LIGHT OF BLACKAGOGY: A POTENTIAL EXPERIENCE IN THE CARIRI CEARENSE

ABSTRACT

The present article proposes to present an experience related to education for ethnic-racial relations, in a school of the municipal school at Cearense Cariri. The objective of this work represents an effort towards the implementation of Law No. 10.639/03, which establishes the compulsory teaching of African and Afro-Brazilian history and culture in schools. In order to carry out this work, we seek to base the experiences-interventions in Blackagogy, a theoretical-methodological reference of African matrix that is being constructed by researchers -educators, with the perspective of fomenting concrete educational practices for an antiracist education, valuing the African and Afro-Brazilian worldview, contributing to the implementation of the aforementioned law in the curricular matrix of the schools.

Keywords: Law nº 10.639/03. Blackagogy. Curriculum. School.

Submetido em: 05/10/2018

Aceito em: 30/01/2019

Ahead of print em: 09/03/2019

Publicado em: 25/04/2019



<http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2019v11n23p543-554>



I INTRODUÇÃO

Passada mais de uma década da promulgação da Lei Nº 10.639/2003 que reformulou a LDB (9.394/96) com o advento das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira, exigindo aos estabelecimentos públicos e privados das escolas brasileiras a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afrodescendente, ainda nos deparamos com grandes desafios para sua implementação, nas componentes curriculares das escolas. Se antes era abstrusa à implementação, atualmente, após o processo de quebra constitucional ocorrido, se tornou mais intrincada a concretização de seus efeitos.

Além da ameaça de extinção dessa lei, vivemos uma conjuntura de retrocessos geral de todas as conquistas sociais e políticas obtidas desde a promulgação da constituição de 1988. Contudo, consideramos que, independentemente do aspecto legal, não devemos ser omissas/os nem coniventes com o retrocesso ideologia racista, que a referida lei se propõe combater.

Diante desse contexto, cabe apresentar experiências e caminhos concretos de enfrentamento às práticas e conceitos racistas historicamente construídos. Para tanto, buscamos uma abordagem propositiva e potencializadora de processos de empoderamento. Um desses possíveis caminhos é o da Pretagogia, referencial teórico-metodológico, inspirado na cosmovisão africana para o trabalho pedagógico em sala de aula, particularmente para implementação de conteúdos e práticas curriculares específicas (PETIT, 2015) a qual exemplificamos através de uma experiência em curso na Educação Básica numa escola pública do Cariri Cearense.

E nesse sentido desenvolvemos o nosso texto que está aqui disposto e organizado em seções onde de início, contextualizamos a institucionalização da Lei Nº 10.639/03 e o caráter propositivo da Pretagogia na implementação da citada lei. A segunda, apresentamos as intervenções pretagógicas com o uso da Pretagogia numa escola pública no cariri cearense. E, por fim, trazemos as nossas considerações parciais acerca das vivências pretagógicas porque um artigo como esse não conhece conclusão nem consideração final, porque está sempre em processo, no gerúndio, se fazendo.

2 INSTITUCIONALIZAÇÃO DA LEI Nº 10.639/03 E O PROPÓSITO DA PRETAGOGIA

No dia 9 de janeiro do ano de 2003, o Sistema Educacional brasileiro, incorpora pela primeira vez, sob o governo Luiz Inácio Lula da Silva, a lei Nº 10.639/03, respondendo a décadas de lutas do movimento

negro, que há muito tempo vinha militando por uma política pública curricular e inclusiva da população negra do país que, segundo o IBGE, corresponde hoje a mais de 67% dos brasileiros¹.

A referida lei ressalta a contribuição formidável da população negra na formação do Brasil exigindo que se conheça a herança histórico-cultural africana na formação da brasilidade, no sentido de “[...] corrigir injustiças, eliminar discriminações e promover a inclusão social e a cidadania para todos no sistema educacional brasileiro” (DCNs 2004, p. 5), uma vez que a educação das (os) afrodescendentes tem sido limitada pelos processos de inclusão parcial, decorrência de uma educação eurocêntrica que colonizou os modos de “ensinar” e “aprender” na escola, corroborando para o capitalismo racista resultado do escravismo criminoso (CUNHA Jr., 2001) que atingiu de modo brutal e desumano a população negra.

A Lei 10.639 exige mexer com a dinâmica do chão da escola, fazendo com que todas (os) as/os agentes do ambiente escolar, particularmente o professorado, repense a prática pedagógica e formação docente (GUSMÃO, 2013) dando impulso a discussões até então pouco presentes nos espaços educacionais.

A lei ajudou muitos sistemas educativos a repensar as componentes curriculares, livros didáticos, materiais pedagógicos, recursos técnicos, espaço e tempo de aprendizagens. Neste sentido, ela é muito mais do que geradora de ações afirmativas na integridade da escola e se constitui também um elemento de justiça de tratamento e construção da cidadania plena num país secularmente excludente das/os negras/os. Assim tornou-se um passo fundamental para a transformação da realidade da desigualdade étnico-racial, contudo, ela não “vingou” totalmente, mostrando que ainda se encontra num patamar inicial de reconhecimento da diversidade (GUSMÃO, 2013).

Para Munanga (2005), trata-se de um processo que não depende somente do texto legal, o que não diminui sua importância:

Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados. (p. 17).

Há de se fazer um trabalho que envolva o coletivo da escola e que traga resultados tanto imediatos como a longo prazo, para descolonizar a escola e africanizá-la, construindo uma educação afrorreferenciada que potencialize o pertencimento afro das (os) alunas (os) negras (os) e não negros, para que todas/os possam se conectar com as africanidades, com conhecimento de causa e orgulho de si e da nossa comum herança, conhecendo a história sob um ângulo descolonizado. Afinal, em maior ou menor grau, pensamos, movimentamo-nos, vivemos um ser brasileiro inspirado na cosmovisão africana (MEIJER,

¹ Disponível em: <http://www.geledes.org.br>. Acesso em: 22/04/2017.

2012), o que nos falta, é enraizar-nos nas nossas heranças ancestrais de matriz afro presentes no nosso jeito de ser e viver.

Neste contexto é que se configura a Pretagogia, como enraizamento e religamento à nossa afroancestralidade na escola, enquanto referencial teórico-metodológico embasado nas nossas matrizes africanas e que vem sendo construído ao longo dos anos na formação de professoras/es de modo geral, no sentido de subsidiar e fortalecer o trabalho pedagógico, como tratamos a seguir.

O referencial teórico-metodológico Pretagogia, abordagem criada no âmbito do NACE – Núcleo das Africanidades Cearenses – parte do pressuposto de que para tratar das particularidades culturais dos/as afrodescendentes, torna-se necessário buscar as bases conceituais filosóficas, essencialmente na Mãe África (PETIT e SILVA, 2013).

A Pretagogia é um referencial teórico- metodológico que está em construção há alguns anos e que tem como objetivo trazer uma abordagem afrorreferenciada para a formação de professores/as:

Porque considera que as particularidades das expressões afrodescendentes devem ser tratadas como bases conceituais e filosóficas de origem materna, ou seja, da mãe África, dessa forma, a Pret@gogia se alimenta dos saberes, conceitos e conhecimentos de matriz africana, o que significa dizer que se ampara em um modo particular de ser e de estar no mundo. Esse modo de ser é também um modo de conceber o cosmo, ou seja, uma cosmovisão africana. (PETIT, 2015, p. 120).

Objetivamos fomentar mudanças de postura e propiciar apropriação, que vão desde a descoberta do pertencimento afro, passando pela reflexão acerca de práticas racistas que nos afetam, o reconhecimento das contribuições das/os negras/os na nossa cultura e, sobretudo, a compreensão e valorização da riqueza, diversidade e complexidade dos sistemas culturais africanos, afro-brasileiros e afrodiaspóricos em geral.

Mais do que focar explicitamente o racismo, a Pretagogia busca valorizar e potencializar nossas raízes africanas, fazendo-nos reconhecer nossas heranças afroancestrais na formação cultural brasileira e transpondo esses conteúdos para os currículos educacionais. A transposição didática pretagógica se dá nas vivências corporais, linguagens artísticas, visitaçã o a espaços-recursos afroancestrais, rodas de conversas, entre outras, permitindo aos sujeitos manter uma relação estreita entre vivência e teorização, no sentir do próprio corpo os conceitos que perpassam a cosmovisão africana.

3 VIVÊNCIAS E INTERVENÇÕES PRETAGÓGICAS COM A PRETAGOGIA NUMA ESCOLA PÚBLICA NO CARIRI CEARENSE

Antes de iniciar o relato dos procedimentos metodológicos, é importante ressaltar que as vivências-intervenções foram realizadas particularmente pelo professor Samuel na ambiência escolar, por

isso os relatos de experiências partem da primeira pessoa. Por conseguinte, analisadas pela professora e orientadora Sandra Petit. É oportuno lembrar que as atividades-interventivas tiveram uma relação marcante com o corpo, pois segundo Petit (2015), tudo parte do corpo, o corpo é referência. Por isso, nas culturas africanas e negras em geral, o corpo está presente em todos os rituais.

Nessa perspectiva, a intenção das atividades era justamente possibilitar as crianças uma conexão com o próprio corpo que é fonte de saber e produtor de conhecimento. Outro princípio aplicado foi exercitar sempre a oralidade e a circularidade. Por isso, as atividades aconteceram sentados no chão, favorecendo que as energias das(os) ancestrais presentes no espaço, tomassem conta dos nossos corpos e se re-conectassem com a cosmovisão de mundo africana. Vejamos agora as duas intervenções elaboradas e produzidas com as/os alunas/os sob auxílio da pretagogia.

Quadro 1 - Intervenções realizadas nas componentes curriculares de uma escola da rede municipal no Cariri Cearense

INTERVENÇÕES PRETAGÓGICAS
O eu negro numa performance poética
Sentindo a negritude numa vivência corporal

Fonte: o autor.

A primeira vivência-intervenção tinha como objetivo apresentar reflexões cruciais a respeito do ser negra(o) na perspectiva de trabalhar o pertencimento afro das/os educandas/os. Para tanto, foi de suma importância iniciar a atividade pela minha história de vida para que as(os) alunas(os) compreendessem que muitas vezes, tornar-se negra(o) é conciso referências negras positivas, acesso a histórias empoderadas, encontros e religamento com as africanidades conjunto de raízes da cultura brasileira que se originou na África e que está presente nas práticas cotidianas de negras/os e não negras/os (PETIT; ALVES, 2015). Muitas/os afrodescendentes só descobrem e afirmam seu pertencimento étnico-racial quando aproximam-se de conhecimentos e saberes da cultura negra.

Nesse sentido, iniciei o momento apresentando-me como professor negro de ascendência africana. Expliquei que ascendia das/os nossas/os antepassados negras (os) que viveram antes de mim e que em toda família, há a marca dessa ancestralidade negra em virtude daquelas/es afrodescendentes que dão continuidade à história passando de geração a geração, as nossas heranças afroancestrais.

Enfatizei que iríamos, no decorrer do ano, estudar em todas as áreas do conhecimento a história da África, da cultura africana e das nossas heranças brasileiras legadas das(os) africanas(os) que viveram assim como das/os que vivem no país reconstruindo diariamente a nossa cultura negra. Destaquei que minha pele não carregava só a cor das/os nossas/os antepassados, mas a sua história de luta e resistência por isso é de suma importância o orgulho da nossa afrodescendência que deve ser compreendida como

reconhecimento da existência de uma etnia de descendência africana (CUNHA Jr., 2001) nos nossos modos de ser, existir e atuar no mundo.

Nesse contexto, é importante conhecermos a nossa história já que viemos de diferentes etnias pertencentes às várias Áfricas, Antes de conhecer a nossa história oriunda da África, faz-se necessário conhecer nossa história local (quem somos a partir de nossa família, nosso bairro, cidade e região). Prossegui falando do compromisso que tinha com a escola e a educação das relações étnico-raciais e que esse compromisso me acompanhava desde o tempo que fazia faculdade e desenvolvi pesquisas que me possibilitaram perceber a lacuna e deficiência na formação das/os professoras/es e gestoras/es de Crato, para trabalhar a história da África e da nossa cultura africana e afro-brasileira na escola.

Dito isso, expliquei que vinha de uma relação interracial em que minha mãe é negra e meu pai aparentemente “branco”. Dessa relação nasceu meu irmão de pele clara e eu, negro. Entretanto, essa relação entre meus pais me ensinou e fortaleceu a minha negritude a partir de práticas racistas das quais eu e meus pais fomos vítimas. Destaquei que sou de uma família na qual os marcadores das africanidades são muito fortes, a citar, meu pai umbandista, sacerdote de um terreiro de umbanda onde realiza cultos afro-brasileiros, religião que é de origem africana, meus avós paternos que eram dançantes e brincantes do coco e maneiro pau, tradições e manifestações trazidas para o Brasil pelas/os africanas/os de várias partes da África.

Ressaltei que esses exemplos familiares são marcas afrocancestrais (PETIT; ALVES, 2015) que independem da tonalidade da pele, estão presentes no jeito de ser e viver do povo brasileiro por isso as chamamos marcadores das africanidades, uma vez que estão marcadas em nós, na nossa vida.

Seguindo minha narrativa autobiográfica, realcei que participar de um grupo de estudos desde o período que estudava na faculdade, o NEGRER – Núcleo de Estudos em Educação, Gênero e Relações Étnico-Raciais, contribuiu significativamente através das pesquisas e encontros formativos, para eu assumir minha negritude e me religar as minhas negras raízes. Ao voltar para escola pública, como professor da rede municipal de Crato, não poderia deixar que outras gerações passassem pela escola, em especial a escola 08 de Março, sem conhecer e aprender sobre a nossa verdadeira história para que possamos positivar nossa existência negra na sociedade, valorizar nossas raízes afroancestrais, nos valorizarmos e valorizar a/o nossa/o semelhante.

Dando prosseguimento, solicitei que as/os discentes atentassem para o poema de minha autoria que iria recitar, pois após a performance poética, socializaríamos as possíveis descobertas e reflexões evidenciadas na poesia. Ressaltei que o poema representava minha resistência negra a toda e qualquer forma de desigualdade racial e opressão a população negra. Segue o poema:

NEGRO, SIM

*Olhou-me e afastou-se. Sim, sou negro,
Olhou-me e gritou: torrãozinho. Sim, sou negro,
Pararam-me aos gritos e abordaram-me. Sim, sou negro,
Negro, negro, negro, sim.*

*Além de negra, ladra. Sim, sou negro,
Tiraram-me do carro e empurraram-me no automóvel. Sim, sou negro,
chuta pra Francisco macumbeiro. Sim, sou negro,
Negro, negro, negro, sim!*

Samuel Morais Silva

Busquei através da corporeidade, movimentando-me com todo gingado marcado nos corpos negros, interagir com os discentes liberando a alegria e entusiasmo para que elas/es sentissem as emoções no eu negro. O poema remete a passagens de minha vida em que eu e meus pais fomos vítimas de atitudes racistas.

Após o recital do poema, expliquei aos educandos que essas atitudes negativas ocasionadas comigo e familiares, só fortaleceram minha negritude na busca de divulgar as nossas africanidades e valorizar ainda mais a cultura negra. Daí a importância de termos orgulho de tudo que os nossos ancestrais negras(os), deixaram para nós através da música, brincadeiras, contações de histórias, religiões de matriz africana, culinária, danças, tecnologias e todos os saberes preservados nas tradições e manifestações do nosso povo.

Ultimei a atividade, solicitando que déssemos o grito de guerra: negro, negro, negro, sim! em tom firme e forte na perspectiva de honrarmos nossa cor bem como nossa história que não começou em 1500 com a chegada dos portugueses ao Brasil, uma vez que existe, por trás do aparecimento do povo negro brasileiro, um enorme fundamento. Expliquei que esse fundamento sempre afirmou que não somos descendentes de escravos, como dizem muitos livros escolares. Somos descendentes de civilizações, de reinados fortes e poderosos. De reis, rainhas, príncipes e princesas negras/os que deram suas vidas para que nós fossemos quem somos hoje, por isso devemos espalhar pelo mundo, a nossa cultura negra e ter orgulho do nosso pertencimento afro independentemente da tonalidade da pele.

O corpo movimentado na sala de aula gera sensações muitas vezes inusitadas, desejos escondidos, sonhos adormecidos, vontades silenciadas. E quando o corpo é movimentado pelo professor/a, as sensações incidem com mais veemência despertando no terreno da sensibilidade das(os) discentes, o orgulho negra(o) silenciado pela família por conseguinte, pela escola. As(os) professoras(es) precisam jogar esse corpo na sala de aula e narrarem suas histórias de vida desterritorializando suas negras raízes. Esse jogo corpóreo no fazer pedagógico, implica-nos retroalimentar nossas práticas docente e fazer as vozes silenciadas falarem como as das(os) alunas(os) que participaram dessa atividade ao serem questionadas(os): O que você achou da atividade? Sentiu alguma coisa?

Senti uma emoção na hora do poema que fala da história do senhor quase chorei (Aluno, 4ºC). Legal, senti que devemos ter orgulho de nossa raça negra (educando, 4ºC). Achei diferente, bonita, sei lá [...] nunca tinha tido uma aula assim que falasse do negro (educanda, 4º C). Emocionante, o professor estava já chorando e eu também de tanto orgulho do povo negro (aluna, 4ºC). Senti orgulho dos africanos, de tudo que eles fizeram por nós (aluno, 4º C). Foi divertido na hora que o professor ficou se jogando e dizendo o poema [...] as aulas que falam dos africanos são as melhores, emocionam muito. Faz a gente ter orgulho de nossa pele, de nossa história negra. (aluna, 4ºC). Senti orgulho de nossa raça negra (aluna, 4º C). Bonita, senti vontade de conhecer a África. (aluno, 4ºC). Foi muito boa, senti orgulho de ser negro (4º C).

A segunda vivência-intervenção tinha como objetivo revisitar o eu negro enraizado em cada um de nós, fazer um passeio pelo terreno ancestral na perspectiva de rememorar nossas histórias pretas. Reconectar-nos com a África local marcada no jeito de ser / viver / estar / existir do povo afrocratense. Para tanto, tive que iniciar o momento falando o porquê do Cariri Cearense, em especial a cidade de Crato serem Áfricas vivas. Neste contexto, ressaltéi mais uma vez o que são os marcadores das africanidades para que elas/es percebessem onde estão esses marcadores na cultura local que anunciam o nosso lugar como uma África viva.

Assim, disse-lhes que os marcadores das africanidades referem-se a tudo aquilo que nos permite identificar uma conexão histórico-cultural com a África, desde os membros da nossa família até as práticas, tradições e manifestações de origem africana presentes no cotidiano de todas(os) brasileiras(os). Notadamente, no povo do nosso lugar.

Dito isso, adverti que podemos ver esses marcadores na nossa cidade e região Caririense através dos reisados, danças do coco, comunidades quilombolas, maculêlês, maracatus, grupos de capoeiras, rodas de samba, nas rezadeiras, curandeiras, nos terreiros de umbanda e candomblé, sobretudo no bairro Seminário que já tem 21 terreiros certificados pelo Movimento Negro de Crato. Conclamei esse primeiro momento dizendo que o Crato é um celeiro cultural rico em práticas e tradições afro, portanto não podemos deixar se perder esses repertórios culturais africanos. Desse modo, as crianças da nova geração têm uma responsabilidade imensa em preservar essas heranças afroancestrais.

Dando prosseguimento, passamos para o segundo momento no qual as(os) discentes e professor, através da vivência corporal, revisitaram suas negras raízes. Iniciei a vivência-intervenção solicitando que as(os) educandas(os) ficassem descalços, relaxassem o corpo e tentassem se conectar somente consigo mesmo para obtermos os resultados satisfatórios. Pedi que quem tivesse vontade de ir ao banheiro ou beber água, aproveitasse para ir já que não tínhamos iniciado a atividade, pois após começarmos, não poderia sair ninguém da sala para que as energias conectadas não se desconectassem.

Seguindo o movimento da atividade, propus que deitássemos os corpos no chão, fechássemos os olhos e relaxássemos todo o corpo porque iríamos ouvir uma melodia instrumental² do cantor e compositor africano Habib Koite Sirata. Justifiquei que a melodia foi escolhida porque a primeira vez que a

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HPuiRU7b8nY>. Acesso em 19/04/2017.

ouvi, tinha sido na faculdade no dia da apresentação do meu trabalho final para me formar. Ao chegar à sala para apresentar o trabalho, Zé, um senhor negro muito querido e responsável pelas funções técnicas da faculdade, tinha colocado a canção enquanto não começava a apresentação do meu TCC. Daquele dia em diante, aquela trilha sonora me acompanhou e passou a fazer parte de modo muito especial da minha vida.

Assim, coloquei a melodia duas vezes. Primeiro, ouvimos todos em silêncio, na segunda vez, antes de colocar novamente, enfatizei que prestassem muita atenção nas palavras que eu iria pronunciando na medida em que a trilha sonora fosse tocando. Ressaltei que os olhos deveriam permanecer fechados e cada uma/um conectada(o) consigo mesmo.

A partir de então, lancei as seguintes indagações: O que é ser negra(o) para você? Por que será que somos um preto/a da linda cor? Por que muitas pessoas dizem que a África é a nossa terra-mãe e berço da humanidade? Já viu ou dançou num grupo de reisado, maracatu, dança do coco ou maculêlê? Quem já participou ou assistiu uma roda de capoeira? Próximo a sua casa será que tem algum terreiro de umbanda ou candomblé? Quem já foi a uma/um rezadeira/rezador ou sabe de alguém da família que tenha recorrido a um quando estava precisando? E quem já viu ou participou de alguma roda de samba, popularmente conhecidas na nossa cidade como rodas de pagode, com o pai, tio, irmão, mãe, prima/o?

Em seguida, pedi que abrissem os olhos e levantassem para ouvir a segunda música intitulada “sorriso negro”. O objetivo da segunda canção era saudar a nossa terra-mãe África e as(os) nossas(os) ancestrais. Destaquei que vários músicos cantavam a referida música, mas a escolha de ser na voz do grupo fundo de quintal, deu-se por ser um grupo de samba e o samba tem uma relação marcante na cultura africana e afro-brasileira. Mencionei que a canção honra o sorriso negro, riso único, parte da nossa identidade e raiz da nossa liberdade.

Ressaltei a relação que a música tinha com a minha história de vida, pois apresentei pela primeira vez a canção, também na conclusão do meu trabalho monográfico. Disse-lhes que a escolha da música deu-se por tratar dos nossos sorrisos negros potencializadores e resistentes a toda e qualquer forma de discriminação racial.

Mencionei que a música significou e significava a minha resistência negra diante da vida a todas as formas de desigualdades raciais e opressão à negritude, assim, era preciso libertar os corpos, deixá-los livres e movimentar na sala de aula, lembrando de onde viemos, porque estamos no mundo e devemos lutar para uma sociedade melhor, sobretudo para o povo negro/a brasileiro/a. Sugeri que o nosso sorriso negro, de acordo com que a música fosse tocando, levasse para todas as(os) afrodescendentes positividade, alegria, amor e justiça para que tenhamos um mundo verdadeiramente justo. Segue a música sorriso negro (Dona Ivone Lara) na composição do grupo fundo de quintal.

Sorriso Negro
Fundo de Quintal

Um sorriso negro
Um abraço negro
Traz felicidade
Negro sem emprego
Fica sem sossego
Negro é a raiz de liberdade

Um sorriso negro
Um abraço negro
Traz felicidade
Negro sem emprego
Fica sem sossego
Negro é a raiz de liberdade

Negro é uma cor de respeito
Negro é inspiração
Negro é silêncio é luto
Negro é a solidão
Negro que já foi escravo
Negro é a voz da verdade
Negro é destino é amor
Negro também é saudade

Um sorriso negro
Um abraço negro
Traz felicidade
Negro sem emprego
Fica sem sossego
Negro é a raiz de liberdade

Negro é uma cor de respeito
Negro é inspiração
Negro é silêncio é luto
Negro é a solidão
Negro que já foi escravo
Negro é a voz da verdade
Negro é destino é amor
Negro também é saudade

Um sorriso negro
Um abraço negro
Traz felicidade
Negro sem emprego
Fica sem sossego
Negro é a raiz de liberdade

Um sorriso negro
Um abraço negro
Traz felicidade
Negro sem emprego
Fica sem sossego
Negro é a raiz de liberdade.

Precisamos de uma escola que eduque pelo corpo, desde o corpo, o corpo que fala, gira, sente, abraça, afaga, ama. O corpo que liberta, sonha, deseja e projeta. O corpo que é sentido, significado e

significâncias na escola, embora o corpo não esteja fisicamente em África, é possível senti-la espiritualmente se vivenciada pela corporeidade. Olhar para esses corpos sensibilizados na escola expressando memórias e histórias adormecidas, possibilitou-me enxergar a importância do trabalho de ir visitar o passado, olhar para o presente, juntar o passado ao presente para tentar desenhar um futuro diferente.

Posso dizer pela experiência dessa vivência-intervenção, que a ancestralidade tecida na teia condutora desses corpos, tocou o eu negro(a) das(os) alunas(os), em especial, dois discentes que lacrimejaram quando concluímos a atividade e perguntei porque estavam emocionados: “Porque os africanos deram a vida por nós. Eles foram muito importante pra nossa história” (aluno, 4º ano A). Educanda: “porque eu tenho muito orgulho agora de ser negra de origem africana” (discente, 4º ano A). Vale dizer que essa mesma aluna no mesmo dia após a intervenção, postou na rede social Facebook a seguinte frase, “sou nêga com muito orgulho!”. Ao interrogar as/os demais discentes com as duas perguntas geradoras, “o que acharam da atividade” e “se sentiram alguma coisa” como sempre fazemos após concluir a vivência-intervenção, mais depoimentos floresceram no terreno da sensibilidade anunciando as suas negras raízes:

Achei bonita, lembrei do terreiro de macumba de minha tia (educanda, 4º A). Emocionante, também me lembrei do terreiro de umbanda que tem vizinho a minha casa e eu vou com minha mãe quase toda terça-feira quando tem gira. (educando, 4º A). Achei bonita, porque eu danço reisado na minha comunidade e não sabia que veio da África. (educanda, 4º A). Especial, eu também brinco no reisado da minha rua e não sabia que veio da África para o Brasil. (educanda, 4º ano A). Boa demais, porque eu sou do maracatu e só lembrei do maracatu que eu gosto muito de participar [...] minha vó é a baiana do maracatu. (educanda, 4º ano A). [...] Foi emocionante demais, faz a gente lembrar de onde a gente veio, da África [...]. (educando, 4º ano A).

4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

As vivências-intervenções realizadas com as turmas dos 4º anos do ensino fundamental I, numa escola da rede municipal no Cariri Cearense, onde tivemos o auxílio da Pretagogia para nossa proposta de trabalho interventivo, ainda que de maneira incipiente, nos possibilitou perceber a relevância para aplicabilidade e efetivação da implementação da Lei Nº 10.639/03 nas componentes curriculares da escola.

Entretanto, chegamos ao final desse trabalho acreditando que ele não deve se encerrar por aqui, pois os relatos das(os) educandas(os) afirmam a importância da continuidade, uma vez que percebemos e sentimos o fortalecimento do pertencimento afro, reconhecimento das negras raízes, valorização e orgulho do ser negra/o. Assim é fundante a sequência das atividades-interventivas para enraizar mais conhecimentos e saberes nas/os discentes, sobre o mundo africano belo e cheio de sabedoria recriado no Brasil pelas(os) afrodescendentes da diáspora negra.

As vozes das(os) estudantes, retroalimentam o nosso ser / fazer pedagógico acreditando que é possível sim, combater o racismo na escola à luz da Pretagogia, uma pedagogia de preto, para preto, branco e indígena. O tempo presente cobra ações prementes. Nesse sentido, chegou o tempo de nos unirmos e lutarmos a exemplo dos movimentos sociais negros que resistiram ao longo da história e, não permitir nem um direito a menos. Assim, esperamos a partir dessa proposta pretagógica, florescer nas práticas docentes, outros dispositivos pedagógicos e aportes metodológicos, que movimentem a lei Nº10.639/2003 no chão da escola e descolonizem mentalidades, comportamentos e componentes curriculares.

REFERÊNCIAS

BRASIL. DCN's para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

CUNHA Jr., Henrique. **Africanidade, afrodescendência e Educação**. Educação em Debate. Fortaleza, Ano 23, v. 2, nº 42, 2001.

FARIAS, Kellynia; PETIT, Sandra Haydée. Pretagogia, pertencimento afro e os marcadores das africanidades: Conexões entre corpos e árvores afroancestrais. In.: PETIT, Sandra Haydée; MACHADO, Adilbênia Freire; ALVES, Maria Kellynia Farias (orgs.). **Memórias de Baobá II**. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. A Lei Nº 10 639/2003 e a formação docente: Desafios e conquistas. In: JESUS, Regina de Fátima de; ARAÚJO, Mairce da Silva; CUNHA Jr., Henrique. **Dez anos da Lei nº 10.639/03: memórias e perspectivas**. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

MUNANGA, Kabengele. Apresentação. In: MUNANGA, Kabengele (Org). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. revisada. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral** Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei 10.639/03. Fortaleza: Editora UECE, 2015.

PETIT, Sandra Haydée; SILVA, Geranilde Costa e. Pretagogia no chão da escola: práticas e pressupostos. In: CUNHA Jr., Henrique... [et al.]. **Artefatos da cultura negra no Ceará (2013): formação de professores: 10 anos da lei nº 10.639/2003: cadernos de textos**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2013.

MEIJER, Rebeca de Alcântera e Silva. **Valorização da cosmovisão africana na escola: Narrativa de uma pesquisa-formação com professoras Piauienses**. Doutorado (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, 2012.